

Joel Francisco Decothé Junior

As multiplicidades da experiência religiosa na era secular

RESUMO: A ordem moral moderna vem sendo modificada com o processo de secularização. Muitos desafios éticos surgiram, dentre esses, aqueles que ineludivelmente fazem-nos deparar com o fenômeno das variedades da experiência religiosa. A indagação feita é a seguinte: o que significa dizer que vivemos numa era secular? Faço a leitura do pensamento de William James sobre a concepção de experiência religiosa atomizada; em seguida, trato da experiência religiosa atomizada e holista na crítica tecida por Charles Taylor. Por fim, trago a perspectiva de Pedro Casaldáliga e José María Vigil, que postulam a noção de indignação ética como experiência religiosa de libertação. Conclui-se que tanto individualmente quanto coletivamente, o agente humano tem de experienciar sua religiosidade na perspectiva da indignação ética.

PALAVRAS-CHAVE: Multiplicidades; Experiência; Religião.

The multiplicity of religious experience in the secular age

ABSTRACT: The modern moral order is being modified with the process of secularization. Many ethical challenges have arisen, among them those that inescapably confront the phenomenon of varieties of religious experience. The question is: what does it mean to say that we live in a secular age? I read William James' thought about the concept of atomized religious experience; then I deal with the atomized and holistic religious experience in the criticism woven by Charles Taylor. Finally, I bring the perspective of Pedro Casaldáliga and José María Vigil, who postulate the notion of ethical indignation as a religious experience of liberation. It is concluded that both individually and collectively, the human agent has to experience their religiosity from the perspective of ethical indignation.

KEYWORDS: Multiplicity; Experience; Religion.

Artículo [PT] | ISSN: 2386-3994 | Recibido: 28-febrero-2021 | Aceptado: 30-junio-2021

Introdução

O fenômeno religioso mostra-se como um desafio para o pensamento humano contemporâneo. À luz desta questão, tomo como referencial teórico para fazer uma interpretação, os pensamentos dos filósofos e teólogos William James,

► **Joel Decothé Junior**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil. Autor de correspondencia: (✉) joeldecothe@yahoo.com.br — [id http://orcid.org/0000-0002-9499-1233](http://orcid.org/0000-0002-9499-1233).

Charles Taylor, Pedro Casaldáliga e José Maria Vigil. Os livros que entram em jogo são os de James *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana* (1902), Taylor com *As variedades da religião hoje* (2002) e Casaldáliga e Vigil com *Espiritualidade da libertação* (1993). O referente de nossa argumentação será o texto de Taylor, que é resultado de suas pesquisas que foram comunicadas em Edimburgo como conferências nas *Gifford Lectures* em 1999. A questão que serve de guia será lançada por Taylor [...] o que significa dizer que nossa era seja secular? (Taylor 2003, p. 9).¹ As indagações sobre o problema da secularização foram desdobradas por Taylor e tiveram como resultado as obras *Uma era secular* (2007) e *Encanto e desencantamento: secularidade e laicidade no Ocidente* (2015).

Portanto, inicialmente, as análises taylorianas buscam ponderar reflexivamente sobre a temática do fenômeno religioso abordado por James. Logo, a tomada de posição de Taylor visa, segundo Sepúlveda del Río, [...] propõe desatar ou separar a maneira, às vezes, um pouco estreita e restritiva em que James entende a religião, e foca essencialmente em nossa situação atual (del Río 2013, p. 269). Em certo sentido, o pano de fundo de Taylor o liga à James, mas, estabelecendo alternativa, a saber, entender qual seria o objetivo de James seguir a linha de investigação tendo como objeto de análise o fenômeno religioso (Taylor 2003). Observamos que tanto Taylor como James procuram fundamentar de forma crítica que o fenômeno religioso não poder ser encerrado no âmbito da esfera privada da vida. Outra demanda será a de que as teorias da secularização e os discursos científicos também mantêm determinada resistência em relação à participação das religiões na vida corrente da esfera pública moderna.

As indagações sobre o fenômeno religioso acabam sendo compostas por aporias que atravessam a história humana ao longo das eras, chegando ao momento presente das sociedades modeladas pelos arranjos dos Estados liberais democráticos. Sendo assim, o problema enfrentado por Taylor em sua investigação sobre a secularização, ao estudar a posição de James, será pontuado pelo esforço epistemológico de querer saber qual será o lugar que as religiões ocupam na esfera pública hodierna (del Río 2013). Para tanto, a reflexão tayloriana se pautará em erigir três elementos centrais em sua abordagem: (i)

¹ Todas as traduções de língua estrangeira são de nossa responsabilidade.

observar os limites da concepção jamesiana sobre a experiência religiosa, (ii) a situação do novo nascimento e (iii) as percepções acerca das atividades das religiões nos dias de hoje em confrontação com as posturas postuladas por James (Taylor 2003). Nas próximas seções de nosso texto procurarei tratar das perspectivas jamesiana e tayloriana sobre as variedades das experiências religiosas. E, por fim, reagir a partir das posições dos teólogos Casaldáliga e Vigil na linha da indignação ética como experiência de libertação religiosa na América Latina.

James e a experiência religiosa atomizada

William James (1842-1910) nasceu em Nova York e estudou medicina em Harvard, concluindo o curso em 1869. Tornou-se professor naquela universidade, primeiro ensinando fisiologia e depois filosofia. Logrou dar a mais ampla projeção à filosofia estadunidense, sendo um dos fundadores da corrente denominada de pragmatismo, que corresponde à reafirmação da tradição empirista inglesa e, ao mesmo tempo, a apresentação do conceito de experiência com uma amplitude que não lhe havia sido atribuída pelos empiristas clássicos ingleses. A essa corrente de pensamento estão associados outros pensadores de importância nuclear, tais como George Santayana, Charles S. Pierce, John Dewey e Sidney Hook, entre outros.

Dando continuidade à nossa reflexão sobre o problema da variabilidade das experiências religiosas, temos que recorrer a nossa linha mestra, que são as análises realizadas por Taylor coteja com a obra de James. Um dos conceitos centrais jamesiano sobre a noção de experiência religiosa será a própria noção de experiência. Segundo James, a noção de experiência religiosa se constitui como uma espécie de vivência robustamente atomizada (James 2017). O fundamento para James tratar da questão do fenômeno religioso será a noção de experiência, pois em seu livro surge uma série de menções descritivas das experiências religiosas. Estas são hauridas de variegados momentos históricos e dos mais diversos contextos religiosos, porém, às análises jamesianas não se coloca como objetivo metodológico de pesquisa o esforço de definir o estatuto epistêmico dessas experiências religiosas. Observamos, na leitura do pensamento de James, que a experiência é entendida como um elemento bruto, imediato e destituído de gramáticas interpretativas. A abordagem de James busca apreender qual seja o surgimento das coisas e das experiências tendo como pano de fundo as reflexões de alguns empiristas ingleses.

Na visão jamesiana, as coisas não detêm outro tipo de natureza que não seja as dos pensamentos, pois, só podemos conhecer as coisas por meio das experiências que vivemos. James afirma assertivamente que o conhecimento intuitivo, seja da coisa pensada ou da coisa materializada, se faz ineludivelmente uma unidade simbiótica constitutiva em sua natureza e não precisa do suporte da parte de mediadores para que façam distinções e se coloquem na interface entre o pensamento e a coisa mesma. Por conseguinte, o conhecimento objetivo e intuitivo demonstra o entendimento de como o conhecimento mental e o objeto se fundem simbioticamente. O influxo da experiência oferece permanentemente conteúdos materiais que inevitavelmente tem de ser discernidos. Ademais, segundo Sepúlveda del Río, [...] a forma como este material é digerido intelectualmente por meio das diversas crenças que tenhamos assimilado – e também rechaçado – é integrado em distintas gradações de nossas vidas (del Río 2013, p. 272). Com tais formas de experiências em voga, o que se tem é a constituição das variegadas possibilidades de comunicação das múltiplas experiências na interação mutualística entre a totalidade das alteridades humanas.

Ora, o que acontece é que na perspectiva jamesiana das crenças, tem-se uma espécie de interação simbiótica relevante entre a religião e a própria noção de crenças. As crenças dos seres humanos seriam assim experiências fundamentadas. Logo, as crenças, nessa linha de argumentação, seriam em si mesmas a soma total da experiência de mundo, mutando-se assim em operações fundacionais e basilares dos eventos futuros. Conforme a realidade vai se descortinando como real experienciável, tanto a realidade como as verdades ostentadas pelos seres humanos sofrem o perene processo de mutabilidade. A mudança acontece factualmente em razão do objetivo definitivo, mesmo que estruturalmente seja marcada pela noção de mutabilidade (del Río 2013).

Para James, a experiência religiosa envolve um tipo de interação com aquilo que não se pode ver, com vozes e visões, reações às orações, mudanças de coração no sentido da conversão, livramento dos medos, sentimento de amparo diante dos problemas da vida, saber que o reconhecimento de si de forma ampla é que deve ser preservado entre outros aspectos. Todavia, a postura jamesiana entende que todas essas formas de experiências humanas são detentoras de determinadas ilusões e equívocos, isso, pela razão de não serem infalíveis. Ademais, essa gama

de experiências forma o núcleo das concepções do que venha fazer referência ao contexto teológico da modernidade ocidental.

Experiência religiosa variada em Taylor

Graduado em História pela McGill University e em Política, Filosofia e Economia por Oxford, Charles Taylor prosseguiu com os estudos de mestrado e doutorado na universidade inglesa, sob a orientação de Isaiah Berlin e G. E. M. Anscombe. Inicialmente concentrou seu trabalho em Filosofia da Linguagem, em especial Wittgenstein, Taylor somou a um rigoroso treinamento em filosofia analítica um conhecimento aprofundado das obras de filósofos alemães e franceses, como Hegel, Heidegger e Merleau-Ponty. Destacou-se nos estudos em filosofia social, moral e ciência política, tornando-se um nome de relevo no âmbito do comunitarismo e atuando também como político no Canadá.

A posição central de James no que tange a experiência religiosa do agente humano, se restringe ao ato atomizado de tal fenômeno. É a partir desse escopo que Taylor tece a distinção em que se constata o dado de que a experiência é um elemento vivo e fundado no atomismo, porém, faz-se necessário considerar que a vida religiosa seja um desdobramento assumido pelas formas de vida influenciadas pelas variadas comunidades religiosas. Na ótica jamesiana, as pessoas crentes que compõem suas comunidades de fé religiosa vivenciam a experiência do sagrado de segunda mão. Assim, segundo James, a religião foi construída para o agente por outros e comunicada a ele por meio da tradição, [...] reduzida a formas fixas pela imitação e conservada por hábito. Pouco nos aproveitaria estudar essa vida religiosa de segunda mão (James 2017, p. 19).

Por conseguinte, no intuito de investigar qual seja o significado da religião, na percepção jamesiana não se deve concentrar os esforços de analisar as experiências institucionais normalizadas dos crentes em suas comunidades religiosas tradicionais. Ao anverso disso, a autêntica vivência das experiências religiosas e as formas de vida religiosas que factivamente oferecem algum tipo de aprendizagem, constitui-se por meio daquelas experiências religiosas que são vividas robustamente em um tom de originalidade e sem a noção de mediadores institucionalizados do sagrado. Devido a esta razão, conforme a investigação jamesiana, o método será o de intensificar o estudo das experiências religiosas de primeira mão, pois segundo James, ao tratar da questão da conversão religiosa [...] nos atenhamos o mais possível às formas de experiência de primeira mão, de

maior originalidade. É mais provável que estas sejam encontradas nos casos adultos esporádicos (James 2017, p. 191).

As experiências religiosas que não se enquadram dentro do sistema religioso tradicional, constituem-se nos agentes que servem de referência para a estipulação de qualquer postulado daquilo que venha ser factivamente uma autêntica religião. Segundo Sepúlveda del Río, [...] estes sujeitos vivenciaram um tipo de experiência profunda, potente e única. Esta experiência é aquela que logo tem a intenção de ser transmitida as demais pessoas (del Río 2013, p. 275). Ora, a visão jamesiana tece a compreensão de que o fato da existência de certa variabilidade religiosa torna evidente o recurso de demonstrar que a própria terminologia semântica da religião não tem o intuito primário de denotar o sentido originário de individualidade, porém, se atrela como um predicado familiar de ordem comunitária. A partir de outra perspectiva, tudo induz a notar que não existe nenhuma espécie de emoção religiosa fundamental, mas somente um arcabouço comum de emoções em que os objetos religiosos tem condições de se aproximar, pois ainda tem de se provar que não exista nenhuma espécie de elemento particular relacionado ao objeto religioso e nenhuma forma particular e substancial do fato religioso.

Portanto, por definição, a postura jamesiana indica que a religião significará [...] os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino (James 2017, p. 41). Sendo assim, para o filósofo estadunidense as experiências religiosas são fenômenos sobretudo encarados como manifestações radicalmente atomizadas. O pano de fundo da leitura de Taylor é o das configurações e fontes, sendo a fonte cristã (aporia do novo nascimento) e seu bem sinônimos de complexidade e crise. Taylor postula que existe uma possível situação relacional entre o agente que crê e a sua compreensão de divindade como formas de vida conforme os critérios da divindade regente em suas comunidades de fé. As vertentes protestante e católicas reforçam que a experiência da transcendência judaíta e cristã se dão por meio do compromisso pessoal e comunitário.

A experiência com a divindade demanda, desde um ponto de vista, à intensidade da vida interior e exterior na interação entre o crente e a divindade, pois segundo Silva [...] por outro lado também é central na relação com Deus a comunidade e não apenas o indivíduo (Silva 2010, p. 104). A crítica frontal que Taylor faz a James será a de sua negação da potência que as religiões tem no

âmbito da vida religiosa como fenômeno grupal. Assevera Taylor que [...] o que James parece não ser incapaz de reconhecer é o fenômeno da vida religiosa coletiva, que não é somente o resultado dos vínculos religiosos (individuais), mesmo que em certo sentido constitua e seja este vínculo (Taylor 2003, p. 35). Enfim, segundo a visão crítica tayloriana, a postura jamesiana não possibilita que exista espaço para a forma de vínculo coletivo como fonte de configuração ou bem compartilhado entre os agentes humanos.

Casaldáliga e Vigil e a indignação religiosa

Pedro Casaldáliga nasceu em uma família de agricultores em Balsareny, na província de Barcelona, na Espanha, em 16 de fevereiro de 1928. Ingressou na Congregação Claretiana em 1943, sendo ordenado sacerdote em Montjuïc, Barcelona, no dia 31 de maio de 1952. Após sua ordenação, foi professor de um colégio Claretiano em Barbastro, assessor dos Cursilhos de Cristandade e diretor da Revista Iris. Em 1968, mudou-se para o Brasil para fundar uma missão Claretiana no Estado do Mato Grosso. Já José María Vigil nasceu em Zaragoza, Espanha, 22 de agosto de 1946, é um teólogo latino-americano reconhecido nos campos da teologia e espiritualidade da libertação e ainda da teologia do pluralismo religioso. Ele é um padre católico romano dos Missionários Claretianos desde 1964 e desde 1971 é um cidadão nicaraguense naturalizado que atualmente está sediado no Panamá.

A paixão pela liberdade direciona Casaldáliga e Vigil a realizarem uma análise da realidade tendo o seu acento na experiência religiosa que parte do fenômeno da vida. Em outra direção a que as dos pensadores do norte, James e Taylor, os teólogos situam o problema religioso a partir da realidade da América Latina, e entendem que a experiência humana fundamental é um fator que atravessa as pessoas em todas esferas existenciais de suas vidas. Assim, a religião pode ser vista como um tipo de experiência fundamental, pois encontra-se na gênese de nossas vidas, sendo um fenômeno que nos define e nos constitui (Casaldáliga e Vigil 1993).

A experiência fundamental não obstrui os conflitos e ainda demonstra que a simbiose desta forma de experiência, proporciona a vivência da comunhão espiritual plural que supera as cercanias da fé confessional. Os teólogos entendem que [...] é esta experiência humana fundamental que chamamos de «indignação ética» (Casaldáliga e Vigil 1993, p. 47). A realidade fundamental

aguça a percepção do que seja o real em sua nervura mais exposta e genuína. Desta forma, a intencionalidade é de demonstrar que as pessoas apreendem aquilo que é mais elementar no sentido de lhe afetar na sensibilidade de sua existência humana.

A indignação ética é um tipo de experiência religiosa humanizante que luta contra a injustiça social. Os agentes acabam tomando posição diante dos fenômenos que destroem todo o desinteresse e omissão diante das injustiças humanas. Vários fenômenos socioculturais se apresentam em termos universais e exigem que as identidades religiosas e seculares façam uma tomada de posição. Simultaneamente, essa é uma opção fundamental da pessoa que pode ser positiva ou negativa, tendo em vista que a definição da causa e do sentido da vida entram em jogo. James e Taylor se ocupam de uma espécie de experiência religiosa, que é considerada como um sentimento religioso interiorista que não faz referência à realidade global histórica, e parece indicar sua atenção aos fenômenos carismáticos dos espiritualistas na linha de uma análise sociológica da religião weberiana.

A indignação ética, ao anverso disso, condiz a noção de experiência fundamental humana que oferece uma análise histórica da vida religiosa, marcando o fluxo a partir do real que oferece as experiências limites diante das injustiças. Assim, a indignação ética estimula ações de compaixão, empatia e uma espiritualidade experiencial que gera uma percepção utópica revolucionária com base na indignação divina presente na narrativa do relato bíblico do Êxodo. Aqui a experiência religiosa fundamental se dá na temporalidade dos fatos, pois [...] Ele prestou atenção ao clamor de seu povo e tomou posição perante ele, decidiu entrar na luta de libertação histórica (Casaldáliga e Vigil 1993, p. 51). A indignação ética se posta contrária aos sofrimentos injustos impostos a seu povo desvalido. Por fim, partir da indignação ética como experiência fundamental é vivenciar a experiência religiosa sócio-histórica de libertação das consciências religiosa ou seculares em favor da justiça social como experiência religiosa fundamental de indignação ética.

Conclusões

Procurei articular o pensamento de William James em relação às suas análises das variedades das experiências religiosas, que tomam como critério o ponto de vista científico e não meramente de uma filosofia abstrata. A ênfase de James está

nas experiências religiosas atomizadas, distintamente das normas vigentes nas religiões institucionalizadas, que marcam o núcleo da vida religiosa comunitária.

Charles Taylor retoma as reflexões de James para esclarecer as circunstâncias que permeiam as religiões na contemporaneidade. Os desafios sobre a religiosidade e a secularização, indicam que as experiências religiosas dos indivíduos estão arraigadas na esfera social. As condições públicas e culturais são relacionadas a fé e encaradas como questões atomístico-holísticas. Taylor se concentra na relação entre religião e ordem social na busca pelo significado da palavra religião.

Casaldáliga e Vigil entendem que a experiência religiosa faz a opção fundamental de defesa da vida. Eles postulam que é a indignação ética como experiência religiosa que valoriza a opção de luta por justiça social, que parte da própria indignação ética como fator de se vivenciar a variedade das experiências religiosas de forma sócio-histórica, onde a libertação das consciências religiosas e seculares sejam efetivadas em favor da justiça social como experiência religiosa fundamental de indignação ética.

Conflicto de intereses: Eu, Joel Decothé Jr., declaro que não existe conflito de intereses. **Aprobación del comité de ética y consentimiento informado:** No es aplicable a este estudio / o la declaración que corresponda. **Contribución de cada autor:** J.F.D.J. confirma que ha conceptualizado, desarrollado las ideas y escrito el trabajo como único autor y ha leído y aprobado el manuscrito final para su publicación. **Contacto:** Para consultas sobre este artículo debe dirigirse a: (✉) joeldecothe@yahoo.com.br.

Referencias

- Casaldáliga, Pedro; Vigil, José María. (1993). *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Teologia da libertação Série III A libertação na história 9).
- Del Río, Ignacio Sepúlveda (2013). *La religión en el mundo secular transcendencia e individualidad. Un estudio del problema desde el pensamiento de Charles Taylor*. Tesis doctoral; bajo la dirección de lo Prof. Dr. Jesús Marcial Conill Sancho (dir. tes.). Facultad de Filosofía y Ciencias de la Educación Departamento de Filosofía del Derecho, Moral y Política Programa de Doctorado en Ética y Democracia. Sevilla, 2013.
- James, William (2017). *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2. ed. Tradução, Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix.
- Silva, Maximino Gomes da (2010). *Os hiperbens de Charles Taylor e a fundamentação transcendente da moral: As Fontes do Self e o Teísmo*. São Paulo. 2010. Dissertação para obtenção do título de mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

Taylor, Charles (2003). *Las variedades de la religión hoy*. Traducción de Ramon Vilá Vernis. Barcelona: Paidós.

Información sobre el autor/a/es

► **Joel Decothé Junior** é Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Possui mestrado em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2016). Graduação em Teologia pelas Faculdades EST (2014) e graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2014). Membro do Grupo de pesquisa Filosofia política, normatividade e dialética. Linha de Pesquisa: Justiça política, sociedade civil e Estado. Bolsista CAPES-PROSUC, Brasil. **Contato:** Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Av. Unisinos, 950 - Cristo Rei, São Leopoldo - RS, Brasil; Cep: 93022-750. ORCID: – () joeldecothe@yahoo.com.br – iD <http://orcid.org/0000-0002-9499-1233>.

Como citar este artículo

Decothé Junior, Joel. (2021). « As multiplicidades da experiência religiosa na era secular». *Analysis* 29, pp. 73-82